

**LITERATURA BRASILEIRA**  
**Textos literários em meio eletrônico**  
**Uma Ode de Anacreonte, de Machado de Assis.**

Edição de referência: Teatro de Machado de Assis, de Machado de Assis  
Martins Fontes, 2003, São Paulo

**UMA ODE DE ANACREONTE**

(A Manuel de Melo)

**PERSONAGENS**

LÍSIAS  
CLÉON  
MIRTO  
TRÊS ESCRAVOS

A cena é em Samos.

*(Sala de festim em casa de Lísiás. À esquerda a mesa do festim; à direita uma mesa tendo em cima uma lâmpada apagada, e junto da lâmpada um rolo de papiro.)*

**Cena I**  
**LÍSIAS, CLÉON, MIRTO**

*(Estão no fim de um banquete, os dois homens deitados à maneira antiga, Mirto sentada entre os dois leitos. Três escravos.)*

LÍSIAS  
Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos!  
Aos prazeres!

CLÉON  
Eu bebo à memória de Samos.  
Samos vai terminar os seus dourados dias;  
Adeus, terra em que achei consolo às agonias  
Da minha mocidade; adeus, Samos, adeus!

MIRTO  
Querem-lhe os deuses mal?

CLÉON  
Não; dois olhos, os teus.

LÍSIAS  
Bravo, Cléon!

MIRTO  
Poeta! os meus olhos?

CLÉON

São lumes

Capazes de abrasar até os próprios numes.

Samos é nova Tróia, e tu és outra Helena.

Quando Lesbos, a mãe de Safo, a ilha amena,

Não vir a bela Mirto, a alegre cortesã,

Armar-se-á contra nós.

LÍSIAS

Lesbos é boa irmã.

MIRTO

Outras belezas tem, dignas da loura Vênus.

CLÉON

Menos dignas que tu.

MIRTO

Mais do que eu.

LÍSIAS

Muito menos.

CLÉON

Tens vergonha de ser formosa e festejada,

Mirto? Vênus não quer beleza envergonhada.

Pois que dos imortais houveste esse condão

De inspirar quantos vês, inspira-os, Mirto.

MIRTO

Não.

São teus olhos, poeta; eu não tenho a beleza

Que arrasta corações.

CLÉON

Divina singeleza!

LÍSIAS

(à parte)

Vejo através do manto as galas da vaidade.

(alto)

Vinho, escravo!

(o escravo deita vinho na laça de Lísias)

Poeta, um brinde à mocidade.

Trava da lira e invoca o deus inspirador.

CLÉON

"Feliz quem, junto a ti, ouve a tua fala, amor!"

MIRTO

Versos de Safo!

CLÉON

Sim.

LÍSIAS

Vês? é modéstia pura.

Ele é na poesia o que és na formosura.

Faz versos de primor e esconde-os ao profano;

Tem vergonha. Eu não sei se o vício é lesbiano...

MIRTO

Ah! tu és...

CLÉON

Lesbos foi minha pátria também.

Lesbos, a flor do Egeu.

MIRTO

Já não é?

CLÉON

Lesbos tem

Tudo o que me fascina e tudo o que me mata:

As festas do prazer e os olhos de uma ingrata.

Fugi da pátria e achei, já curado e tranqüilo,

Em Lísias um irmão, em Samos um asilo.

Bem hajaz tu que vens encher-me o coração!

LÍSIAS

Insaciável! Não tens em Lísias um irmão?

MIRTO

Volto à pátria.

CLÉON

Pois quê! tu vais?

MIRTO

Em poucos dias...

LÍSIAS

Fazes mal; tens aqui os moços e as folias,

O gozo, a adoração; que te falta?

MIRTO

Os meus ares.

CLÉON

A que vieste então?

MIRTO

Sucessos singulares.

Vim por acompanhar Lísicles, mercador

De Naxos; tanto pode a constância no amor!

Corremos todo o Egeu e a costa iônia; fomos

Comprar o vinho a Creta e a Tênedos os pomos.  
Ah! como é doce o amor na solidão das águas!  
Tem-se vida melhor; esquecem-se-lhes as mágoas.  
Zéfiro ouviu por certo os ósculos febris,  
Os júbilos do afeto, as falas juvenis;  
Ouviu-os, delatou ao deus que o mar governa  
A indiscreta ventura, a efusão doce e terna.  
Para a fúria acalmar da sombria deidade,  
Nave e bens varreu tudo a horrível tempestade.  
Foi assim que eu perdi a Lísicles, assim  
Que eu semimorta e fria à tua plaga vim.

CLÉON  
O coitada!

LÍSIAS  
O infortúnio os ânimos apura;  
As feridas que faz o mesmo Amor as cura;  
Brandem armas iguais Aquiles e Cupido.  
Queres ver noutro amor o teu amor perdido?  
Samos o tem de sobra.

CLÉON  
Eu, Mirto, eu sei amar;  
Não fio o coração da inconstância do mar.  
Não tenho galeões rompendo o seio a Tétis,  
Estrada tanta vez ao torvo e obscuro Letes.  
Aqui me tens; sou teu; escreve a minha sorte;  
Podes doar-me a vida ou decretar-me a morte.

MIRTO  
Mas, se eu volto...

CLÉON  
Pois bem! aonde quer que te vás  
Irei contigo; a deusa indômita e falaz  
Ser-me-á hóspede amiga; ao pé de ti a escura  
Noite parece aurora, e é berço a sepultura.

MIRTO  
Quando fala o dever, a vontade obedece;  
Eu devo ir só; tu fica, ama-me um pouco e esquece.

LÍSIAS  
Tens razão, bela Mirto; escuta o teu dever.

CLÉON  
Ai! é fácil amar, difícil esquecer.

LÍSIAS  
(a Mirto)  
Queres pôr termo à festa? Um brinde a Vênus, filha  
Do mar azul, beleza, encanto, maravilha;  
Nascida para ser perpetuamente amada.

A Vênus!

(Depois do brinde os escravos trazem os vasos com água perfumada em que os convivas lavam as mãos; os escravos saem levando os restos do banquete.

Levantam-se todos.)

Queres tu, mimosa naufragada,  
Ouvir de hemônia serva, em lira de marfim,  
Uma alegre canção? Preferes o jardim?  
O pórtico talvez?

MIRTO

Lísias, sou indiscreta;  
Quisera antes ouvir a voz do teu poeta.

LÍSIAS

Nume não pede, impõe.

CLÉON

O mando é lisonjeiro.

LÍSIAS

Pois começa.

## **Cena II**

### *Os mesmos, um ESCRAVO*

ESCRAVO

Procura a Mirto um mensageiro.

MIRTO

Um mensageiro! a mim!

LÍSIAS

Manda-o entrar.

ESCRAVO

Não quer.

LÍSIAS

Vai, Mirto.

MIRTO

(saindo)

Volto já.

(sai o escravo)

## **Cena III**

### *LÍSIAS, CLÉON*

CLÉON

(olhando para o lugar onde Mirto saiu)

Oh! deuses! que mulher!

LÍSIAS

Ah! que pérola rara!

CLÉON

Onde a encontraste?

LÍSIAS

Achei-a

Com Partênis que dava uma esplêndida ceia;

Partênis, ex-bonita, ex-jovem, ex-da-moda,

Sabes que Vê fugir-lhe a enfasiada roda;

E, para não perder o grupo adorador,

Fez do templo deserto uma escola de amor.

Foi ela quem achou a naufraga perdida,

Exposta ao Vento e ao mar, quase a expirar-lhe a vida.

A beleza pagava o emprego de uma esmola;

Dentro em pouco era Mirto a flor de toda a escola.

CLÉON

Lembrou-te convidá-la então para um festim?

LÍSIAS

Foi um pouco por ela e um pouco mais por mim.

CLÉON

Também amas?

LÍSIAS

Eu? não. Quis ter à minha mesa

Vênus e o louro Apolo, a poesia e a beleza.

CLÉON

Oh! a beleza, sim! Viste já tanta graça,

Tão celestes feições?

LÍSIAS

Cuidado! Aquela caça

Zomba dos tiros vãos de ingênuo caçador!

CLÉON

Incrédulo!

LÍSIAS

Eu sou mestre em matéria de amor.

Se tu, atento e calmo, a narração lhe ouvisses

Conheceras melhor o engenho desta Ulisses.

Aquele ardente amor a Lísicles, aquele

Fundo e intenso pesar que à sua pátria a impele,

Armas são com que a astuta os ânimos seduz.

CLÉON

Oh! não creio.

LÍSIAS  
Por quê?

CLÉON  
Não vês como lhe luz  
Tanta expressão sincera em seus olhos divinos?

LÍSIAS  
Sim, têm muita expressão... para iludir meninos.

CLÉON  
Pois tu não crês?

LÍSIAS  
Em quê? No naufrágio? Decerto.  
Em Lísicles? Talvez. No amor? é mais incerto.  
Na intenção de voltar a Lesbos? isso não!  
Sabes o que ela quer? Prender um coração.

CLÉON  
Impossível!

LÍSIAS  
Poeta! estás na alegre idade  
Em que a ciência da vida é a credulidade.  
Vês tudo azul e em flor; eu já me não iludo.  
Pois amar cortesãs! isso demanda estudo,  
Não vai assim, que as tais abelhitas do amor  
Correm de bolsa em bolsa e não de flor em flor.

CLÉON  
Mas não as amas tu?

LÍSIAS  
Decerto... à minha moda;  
Meu grande coração co'os vícios se acomoda;  
Sacrifícios de amor não sonha nem procura;  
Não lhes pede ilusões, pede-lhes só ternura.  
Não me empenho em achar alma ungida no céu:  
Se é crime este sentir, confesso-me, sou réu.  
Não peço amor ao vinho; irei pedi-lo às damas?  
Delas e dele exijo apenas estas chamuscas  
Que ardem sem consumir, na pira dos desejos.  
Assim é que eu estimo as ânforas e os beijos.  
Lá protestos de amor, eternos e leais,  
Tudo isso é fumo vão. Que queres? Os mortais  
Somos todos assim.

CLÉON  
Ai, os mortais! dize antes  
Os filósofos maus, ridículos pedantes,  
Os que não sabem crer, os fartos já de amores,  
Esses, sim. Os mortais!

LÍSIAS

Refreia os teus furores,  
Poeta; eu não quisera amargurar-te, e enfim  
Não podia supor que a amasse tanto assim.  
Cáspite! Vais depressa!

CLÉON

Ai, Lísias, é verdade,  
Amo-a como não amo a vida e a mocidade;  
De que modo nasceu esta afeição que encerra  
Todo o meu ser, ignoro. Acaso sabe a terra  
Por que é mais bela ao sol e às auras matinais?  
Amores estes são terríveis e fatais.

LÍSIAS

Vês com olhos do céu coisas que são do mundo;  
Acreditas achar esse afeto profundo,  
Nestas filhas do mal! Se a todo o transe queres  
Obter a casta flor dos célicos prazeres,  
Deixa a alegre Corinto e todo o luxo seu;  
Outro porto acharás: procura o gineceu.  
Escolhe aquele amor doce, inocente e puro,  
Que inda não tem passado e vive no futuro.  
Para mim, já to disse, o caso é diferente;  
Não me importa um nem outro; eu vivo no  
[presente.

CLÉON

Deu-te amiga Fortuna um grande cabedal:  
Viver, sem ilusões, no bem como no mal;  
Não conhecer o amor que morde, que se nutre  
Do nosso sangue, o amor funesto, o amor abutre;  
Não beber gota a gota este brando veneno  
Que requeima e destrói; não ver em mar sereno  
Subitamente erguer-se a voz dos aquilões.  
Afortunado és tu.

LÍSIAS

Lei de compensações!  
Sou filósofo mau, ridículo pedante,  
Mas inveja-me a sorte; oh! lógica de amante.

CLÉON

É a do coração.

LÍSIAS

Terrível mestre!

CLÉON

Ensina  
Dos seres imortais a transfusão divina!

LÍSIAS

A lição é profunda e escapa ao meu saber;



Outra escola professo, a escola do prazer!

CLÉON

Tu não tens coração.

LÍSIAS

Tenho, mas não me iludo.

É Circe que perdeu o encanto e a juventude.

CLÉON

Velho Sátiro!

LÍSIAS

Justo: um semideus silvestre.

Nestas coisas do amor nunca tive outro mestre.

Tu gostas de chorar; eu cá prefiro rir.

Três artigos da lei: gozar, beber, dormir.

CLÉON

Compras com isso a paz; a mim coube-me o tédio,

A solidão e a dor.

LÍSIAS

Queres um bom remédio,

Um filtro da Tessália, um bálsamo infalível?

Esquece empresas vãs, não tentes o impossível.

Prende o teu coração nos laços de Himeneu;

Casa-te; encontrarás o amor no gineceu.

Mas cortesãs! jamais! São Górgones! Medusas!

CLÉON

Essas que conheceste e tão severo acusas

- Pobres moças! - não são o universal modelo:

De outras sei a quem coube um coração singelo,

Que preferem a tudo a glória singular

De conhecer somente a ciência de amar;

Capazes de sentir o ardor da intensa chama

Que eleva, que resgata a vida que as infama.

LÍSIAS

Se achares tal milagre, eu mesmo irei pedir-to.

CLÉON

Basta um passo, achá-lo-ei.

LÍSIAS

Bravo! chama-se?

CLÉON

Mirto.

Que pode conquistar até o amor de um deus!

LÍSIAS

Crês nisso?

CLÉON  
Por que não?

LÍSIAS  
Tu és um néscio; adeus!

### **Cena IV**

CLÉON  
Vai, cético! tu tens o vício da riqueza:  
Farto, não crês na fome... A minha singeleza  
Faz-te rir: tu não vês o amor que absorve e mata;  
Mirto, vingame tu da calúnia insensata;  
Amemo-nos. É ela!

### **Cena V**

*CLÉON, MIRTO*

MIRTO  
Estás triste!

CLÉON  
Oh! que não.  
Mas deslumbrado, sim, como se uma visão...

MIRTO  
A visão vai partir.

CLÉON  
Mas muito tarde...

MIRTO  
Breve.

CLÉON  
Quem te chama?

MIRTO  
O destino. E sabes quem me escreve?

CLÉON  
Tua mãe.

MIRTO  
Já morreu.

CLÉON  
Algum antigo amante?

MIRTO  
Lísicles.

CLÉON

Vive?

MIRTO

Sim. Depois de andar errante  
Numa tábua, à mercê das ondas, quis o céu  
Que viesse encontrá-lo um barco do Pireu.  
Pobre Lísicles! teve em tão cruenta lida  
A dor da minha morte e a dor da própria vida.  
Em vão interrogava o mar cioso e mudo.  
Perdera, de uma vez, numa só noite, tudo,  
A ventura, a esperança, o amor, e perdeu mais:  
Naufragaram com ele os poucos cabedais.  
Entrou em Samos pobre, inquieto, semimorto,  
Um barqueiro, que a tempo atravessava o porto,  
Disse-lhe que eu vivia, e contou-lhe a aventura  
Da malfadada Mirto.

CLÉON

É isso, a sorte escura  
Voltou-se contra mim; não consente, não quer  
Que eu me farte de amor no amor de uma mulher.  
Vejo em cada paixão o fado que me oprime;  
O amar é já sofrer a pena do meu crime.  
Íxion foi mais audaz amando a deusa augusta;  
Transpôs o obscuro lago e sofre a pena justa,  
Mas eu não. Antes de ir às regiões infernais  
São as graças comigo Eumênides fatais!

MIRTO

Caprichos de poeta! Amor não falta às damas;  
Damas, tem-las aqui; inspira-lhe essas chamadas.

CLÉON

Impõe-se leis ao mar? O coração é isto;  
Ama o que lhe convém; convém amar a Egisto  
Clitemnestra; convém a Cíntia Endimião;  
É caprichoso e livre o mar do coração;  
De outras sei que eu houvera em meus versos  
[cantado;  
Não lhes quero... não posso.

MIRTO

Ai, triste enamorado.

CLÉON

E tu zombas de mim!

MIRTO

Eu zombar? Não; lamento  
A tua acerba dor, o teu fatal tormento.  
Não conheço eu também esse cruel penar?  
Só dois remédios tens; esquecer, esperar.  
De quanto almeja e quer o amor nem tudo alcança;

Contenta-se ao nascer coas auras da esperança;  
Vive da própria mágoa; a própria dor o alenta.

CLÉON

Mas, se a vida é tão curta, a agonia é tão lenta!

MIRTO

Não sabes esperar? Então cumpre esquecer.  
Escolhe entre um e outro; é preciso escolher.

CLÉON

Esquecer? sabes tu, Mirto, se a alma esquece  
o prazer que a fulmina, e a dor que a fortalece?

MIRTO

Tens na ausência e no tempo os velhos pais do  
[olvido,  
O bem não alcançado é como o bem perdido,  
Pouco a pouco se esvai na mente e coração;  
Põe o mar entre nós... dissipa-se a ilusão.

CLÉON

Impossível!

MIRTO

Então espera; algumas vezes  
A fortuna transforma em glórias os reveses.

CLÉON

Mirto, valem bem pouco as glórias já tardias.

MIRTO

Um só dia de amor compensa estéreis dias.

CLÉON

Compensará, mas quando? A mocidade em flor  
Bem cedo morre, e é essa a que convém a amor.  
Vejo cair no ocaso o sol da minha vida.

MIRTO

Cabeça de poeta, exaltada e perdida!  
Pensas estar no ocaso o sol que mal desponta?

CLÉON

A clepsidra do amor não conta as horas, conta  
As ilusões; velhice é perdê-las assim;  
Breve a noite abrirá seus véus por sobre mim.

MIRTO

Não hás de envelhecer; as ilusões contigo  
Flores são que respeita Éolo brando e amigo.  
Guarda-as, talvez um dia, e não tarde, as colhemos.

CLÉON

Se eu a Lesbos não vou.

MIRTO

Podem colher-se em Samos.

CLÉON

Voltas breve?

MIRTO

Não sei.

CLÉON

Oh! sim, deves voltar!

MIRTO

Tenho medo.

CLÉON

De quê?

MIRTO

Tenho medo... do mar.

CLÉON

Teu sepulcro já foi; o medo é justo; fica.  
Lesbos é para ti mais formosa e mais rica.  
Mas a pátria é o amor; o amor transmuda os ares.  
Muda-se o coração? Mudam-se os nossos lares.  
Da importuna memória o teu passado exclui;  
Vida nova nos chama, outro céu nos influi.  
Fica; eu disfarçarei com rosas este exílio;  
A vida é um sonho mau: façamo-la um idílio.  
Cantarei a teus pés a nossa mocidade.  
A beleza que impõe, o amor que persuade,  
Vênus que faz arder o fogo da paixão,  
Teu olhar, doce luz que vem do coração.  
Péricles não amou com tanto ardor a Aspásia,  
Nem esse que morreu entre as pompas da Ásia,  
A Laís siciliana. Aqui as Horas belas  
Tecerão para ti vivíssimas capelas.  
Nem morrerás; teu nome em meus versos há de ir,  
Vencendo o tempo e a morte, aos séculos por vir.

MIRTO

Tanto me queres tu!

CLÉON

Imensamente. Anseio  
Por sentir, bela Mirto, arfar teu brando seio,  
Bater teu coração, tremer teu lábio puro,  
Todo viver de ti.

MIRTO  
Confia no futuro.

CLÉON  
Tão longe!

MIRTO  
Não, bem perto.

CLÉON  
Ah! que dizes?

MIRTO  
Adeus?  
(passa junto da mesa da direita e vê o rolo de papiro)  
Curiosa que sou!

CLÉON  
São versos.

MIRTO  
Versos teus?  
(Lísias aparece ao fundo.)

CLÉON  
De Anacreonte, o velho, o amável, o divino.

MIRTO  
A musa é toda iônia, e o verso é peregrino.  
(abre o papiro e lê)  
"Fez-se Níobe em pedra e Filomena em pássaro.  
"Assim  
"Folgaria eu também me transformasse Júpiter  
"A mim.  
"Quisera ser o espelho em que o teu rosto mágico  
"Sorri;  
A túnica feliz que sempre se está próxima  
"De ti;  
"O banho de cristal que esse teu corpo cândido  
"Contém;  
"O aroma de teu uso e donde eflúvios mágicos  
"Provêm;  
"Depois esse listão que de teu seio túrgido  
"Faz dois;  
"Depois do teu pescoço o rosicler de pérolas;  
"Depois...  
"Depois ao ver-te assim, única e tão sem êmulas  
"Qual és,  
"Até quisera ser teu calçado, e pisassem-me  
"Teus pés."[1]  
Que magníficos são!

CLÉON

Minha alma assim te fala.

MIRTO

Atendendo ao poeta eu pensava escutá-la.

CLÉON

Eco do meu sentir foi o velho amator;  
Tais os desejos são do meu profundo amor.  
Sim, eu quisera ser tudo isto - o espelho, o banho,  
O calçado, o colar... Desejo acaso estranho,  
Louca ambição talvez de poeta exaltado...

MIRTO

Tanto sentes por mim?

### **Cena VI**

#### *CLÉON, MIRTO, LISIAS*

LÍSIAS

(entrando)

Amor, nunca sonhado.

Se a musa dele és tu!

CLÉON

Lísias!

MIRTO

Ouviste?

LISIAS

Ouvi

Versos que Anacreonte houvera feito a ti,  
Se vivesses no tempo em que, pulsando a lira,  
Estas odes compôs que a velha Grécia admira.  
(a Cléon)

Quer falar-te um sujeito, um Clínias, um colega,  
Ex-mercador, como eu.

MIRTO

Ai, que importuno!

LÍSIAS

Alega

Que não pode esperar, que isto não pode ser,  
Que um processo... Afinal não no pude entender.  
Pode ser que contigo o homem se acomode.  
Prometeste talvez compor-lhe alguma ode?

CLÉON

Não. Adeus, bela Mirto; espera-me um instante.

MIRTO

Não tardes!

LÍSIAS (à parte)  
Indiscreta!

CLÉON  
Espera.

LISIAS  
(à parte)  
Petulante!

## **Cena VII** *MIRTO, LISIAS*

MIRTO  
Sou curiosa. Quem é Clínius, ex-mercador?  
Amigo dele?

LÍSIAS  
Mais do que isso; é um credor.

MIRTO  
Ah!

LÍSIAS  
Que belo rapaz! que alma ferosa e pura,  
Bem digna de aspirar-te um hausto de ventura!  
Queira o céu pôr-lhe termo à profunda agonia,  
Surja enfim para ele o sol de um novo dia.  
Merece-o. Mas vê lá se há destino pior:  
Quer o alado Mercúrio obstar o alado Amor.  
Com beijos não se paga a pompa do vestido,  
O espetáculo e a mesa; e se o gentil Cupido  
Gosta de ouvir canções, o outro não vai com elas;  
Vale uma dracma só vinte odezinhas belas.  
Um poema não compra um simples borzeguim.  
Versos! são bons de ler, mais nada; eu penso assim.

MIRTO  
Pensas mal! A poesia é sempre um dom celeste;  
Quando o gênio o possui quem há que o não  
[requeste?  
Hermes, com ser o deus dos graves mercadores,  
Tocou lira também.

LÍSIAS  
Já sei que estás de amores.

MIRTO  
Que esperança! Bem vêes que eu já não posso amar.

LÍSIAS  
Perdeste o coração?



MIRTO

Sim; perdi-o no mar.

LÍSIAS

Pesquemo-lo; talvez essa pérola fina  
Venha ornar-me a existência agourada e mofina.

MIRTO

Mofina?

LÍSIAS

Pois então? Enfaram-me estas belas  
Da terra samiana; assaz vivi por elas.  
Outras desejo amar, filhas do azul Egeu.  
Varia de feições o Amor, como Proteu.

MIRTO

Seu caráter melhor foi sempre o ser constante.

LÍSIAS

Serei menos fiel, não sou menos amante.  
Cada beleza em si toda a paixão resume.  
Pouco me importa a flor; importa-me o perfume.

MIRTO

Mas quem quer o perfume afaga um pouco a flor;  
Nem fere o objeto amado a mão que implora o amor.

LÍSIAS

Ofendo-te com isto? Esquece a minha ofensa.

MIRTO

Já esqueci; passou.

LÍSIAS

Quem fala como pensa  
Arrisca-se a perder ou por sobra ou por míngua.  
Eu confesso o meu mal; não sei tentear a língua.  
Pois que me perdoaste, escuta-me. Tu tens  
A graça das feições, o sumo bem dos bens;  
Moça, trazes na fronte o doce beijo de Hebe  
Como um filtro de amor que, sem sentir, se bebe,  
De teus olhos destila a eterna juventude;  
De teus olhos que um deus, por lhes dar mais  
[virtude,  
Fez azuis como o céu, profundos como o mar.  
Quem tais dotes reúne, ó Mirto, deve amar.

MIRTO

Falas como um poeta, e zombas da poesia!

LÍSIAS

Eu, poeta? jamais.

MIRTO

A tua fantasia  
Respirou certamente o ar do monte Himeto.  
Tem a expressão tão doce!

LÍSIAS

É a expressão do afeto.  
Sou em coisas de Apolo um simples amador.  
A minha grande musa é Vênus, mãe do amor.  
No mais não aprendi (os fados meus adversos  
Vedaram-mo!) a cantar bons e sentidos versos.  
Cléon, esse é que sabe acender tantas almas,  
Conquistar de um só lance os corações e as palmas.

MIRTO

Conquistar, oh! que não!

LÍSIAS

Mas agradar?

MIRTO

Talvez.

LÍSIAS

Isso mesmo; é já muito. O que o poeta fez  
Fá-lo-ei jamais? Contudo, inda tentá-lo quero;  
Se não me inspira a musa, alma filha de Homero,  
Inspira-me o desejo, a musa que delira,  
E o seu canto concerta aos sons da eterna lira.

MIRTO

Também desejas ser alguma coisa?

LÍSIAS

Não;  
Eu caso o meu amor às regras da razão.  
Cléon quisera ser o espelho em que teu rosto  
Sorri; eu, bela Mirto, eu tenho melhor gosto.  
Ser espelho! ser banho! e túnica! tolice!  
Estéril ambição! loucura! criancice!  
Por Vênus! sei melhor o que a mim me convém.  
Homem sisudo e grave outros desejos tem.  
Fiz, a este respeito, aprofundado estudo;  
Eu não quero ser nada; eu quero dar-te tudo.  
Escolhe o mais perfeito espelho de aço fino,  
A túnica melhor de pano tarentino,  
Vasos de óleo, um colar de pérolas, enfim  
Quanto enfeita uma dama aceitá-lo-ás de mim.  
Brincos que vão ornar-te a orelha graciosa;  
Para os dedos o anel de pedra preciosa;  
A tua fronte pede áureo, rico anadema;  
Tê-lo-ás, divina Mirto. É este o meu poema.

MIRTO  
É lindo!

LÍSIAS  
Queres tu, outras estrofes mais?  
Dar-tas-ei quais as teve a celebrada Laís.  
Casa, rico jardim, servas de toda a parte;  
E estátuas e painéis, e quantas obras d'arte  
Podem servir de ornato ao templo da beleza,  
Tudo haverás de mim. Nem gosto nem riqueza  
Te há de faltar, mimosa, e só quero um penhor.  
Quero... quero-te a ti.

MIRTO  
Pois quê! já quer a flor,  
Quem desdenhando a flor, só lhe pede o perfume.

LÍSIAS  
Esqueceste o perdão?

MIRTO  
Ficou-me este azedume.

LÍSIAS  
Vênus pode apagá-lo.

MIRTO  
Eu sei, creio e não creio.

LÍSIAS  
Hesitar é ceder: agrada-me o receio.  
Em assunto de amor, vontade que flutua  
Está prestes a entregar-se. Entregas-te?

MIRTO  
Sou tua!

### **Cena VIII** *LÍSIAS, MIRTO, CLÉON*

CLÉON  
Demorei-me demais?

LÍSIAS  
Apenas o bastante  
Para que fosse ouvido um coração amante.  
A Lesbiana é minha.

CLÉON  
És dele, Mirto!

MIRTO  
Sim.

Eu ainda hesitava; ele falou por mim.

CLÉON

Quantos amores tens, filha do mal?

LÍSIAS

Pressinto.

Uma lamentação inútil. "A Corinto

Não vai quem quer", lá diz aquele velho adágio.

Navegavas sem leme; era certo o naufrágio.

Não me viste sulcar as mesmas águas?

CLÉON

Vi,

Mas contava com ela, e confiava em ti.

Mais duas ilusões! Que importa? Inda são poucas;

Desfaçam-se uma a uma estas quimeras loucas.

Ó árvore bendita, é minha juventude,

Vão-te as flores caindo ao vento áspero e rude!

Não vos maldigo, não; eu não maldigo o mar

Quando a nave soçobra; o erro é confiar.

Adeus, formosa Mirto; adeus, Lísias; não quero

Perturbar vosso amor, eu que já nada espero;

Eu que vou arrancar as profundas raízes

Desta paixão funesta; adeus, sede felizes!

LÍSIAS

Adeus! Saudemos nós a Vênus e a Lieu.

AMBOS

Io Pæ an! ó Baco! Himeneu! Himeneu!

***Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística***

[1] É do Sr. Antônio Feliciano de Castilho a tradução desta odezinha, que deu lugar à composição do meu quadro. Foi imediatamente à leitura da Lírica de Anacreonte que eu tive a idéia de pôr em ação a ode do poeta de Teos, tão portuguesamente saída das mãos do Sr. Castilho que mais parece original que tradução. A concha não vale a pérola; mas o delicado da pérola disfarçará o grosseiro da concha.